



Revista  
de Psicologia

ISSN 2179-1740

## A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA DO HOMEM NA ESCOLHA DO CÔNJUGE E NO PROCESSO DE SEPARAÇÃO

*INFLUENCE OF THE FAMILY OF THE MAN IN THE CHOICE OF THE SPOUSE AND SEPARATION*

Denise Zarth<sup>1</sup>  
Karla Rafaela Haack<sup>2</sup>  
Josiane Razera<sup>3</sup>

### Resumo

O objetivo deste trabalho foi analisar a influência da família de origem para escolha do cônjuge e sobre o processo de separação. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo na qual foi realizado um estudo de casos múltiplos com três participantes do sexo masculino que permaneceram casados por mais de seis meses. Utilizou-se como instrumentos para a realização da pesquisa, uma entrevista semiestruturada. A partir da discussão e entendimento dinâmico de três casos, foi possível compreender algumas semelhanças no padrão de relacionamento conjugal dos entrevistados, não desconsiderando suas experiências individuais e subjetivas. Desta forma, infere-se a importância do papel exercido pela família perante o enfrentamento desta situação, visto que a recuperação emocional após uma separação depende, consideravelmente, do apoio familiar recebido. Portanto, percebeu-se a existência de influência da família de origem tanto na escolha do cônjuge quanto no processo de separação.

**Palavras-chave:** Família, família de origem, casamento, conjugalidade, separação.

### Abstract

The objective of this study was to analyze an influence of the family of origin on the choice of the spouse and on the separation process. This is a qualitative research in which a multi-case study was carried out with three male participants who remained married for more than six months. A semi-structured interview was used as instruments for conducting the research. From the discussion and dynamic understanding of three cases, it was possible to understand some similarities in the pattern of marital relationship of the interviewees, not disregarding their individual and subjective experiences. In this way, the importance of the family's role in coping with this situation is inferred, since the emotional recovery after a separation depends considerably on the family support received. Therefore, the existence of influence of the family of origin was perceived both in the choice of the spouse and in the separation process.

**Keywords:** Family, family of origin, marriage, conjugality, separation.

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pela Sociedade Educacional Três de Maio – SETREM, Brasil. Email: deniseb.zarth@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Membro do Núcleo de Pesquisa de Família e Violência - NEFAV, Brasil. Email: krh.psi@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestre e Doutoranda em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Coordenadora e professora do curso de Psicologia da Faculdade Meridional - IMED, Brasil. Email: josiane.razera@imed.edu.br. Endereço para correspondência: Rua Senador Pinheiro, 304 - Passo Fundo – RS.

## INTRODUÇÃO

A conjugalidade pode ser compreendida como a soma de duas individualidades que buscam uma vida em comum (Féres-Carneiro, 2006; Nogueira, 2015; Ziviani, Féres-Carneiro & Magalhães, 2012). Os desafios propostos pela conjugalidade têm despertado interesse de diferentes pesquisadores, tanto em âmbito nacional (Alves-Silva, Scorsolini-Comin & Santos, 2016; Dantas, Angelim, Abrão & Oliveira, 2016; Hameister, Barbosa & Wagner, 2015; Scorsolini-Comin, Fontaine & Santos, 2015; Scorsolini-Comin & Santos, 2010) como internacional (Qureschi, 2016; Johnson, 2015; Levy & Gomes, 2015; Grassi & Vivet, 2014; Park, 2015; Ackerman, 2012).

O número de casamentos torna-se cada vez mais expressivo nas últimas décadas, segundo o IBGE (2014), em 2013, o número de casamentos foi de 1,1 milhão o que representou um aumento de 1,1% (11,037 mil) em relação ao ano anterior, é preciso considerar ainda, as uniões que não são oficializadas em cartório. Em contrapartida, a mesma pesquisa apresenta dados instigantes acerca dos divórcios, sendo 324,9 mil, incluindo as separações judiciais (IBGE, 2013). Esses dados nos permitem refletir tanto sobre as motivações para o casamento, como para a separação, e sugere um questionamento: o que a família de origem pensa a respeito desses processos conjugais?

Conforme refere Anton (2012), é de suma importância a criação de vínculos familiares, pois o sucesso ou as possíveis frustrações de cada indivíduo, terá ligações diretas e estreitas com as relações familiares, e os ensinamentos transmitidos por cada membro contribuirão para as características de personalidade dos integrantes do grupo. Desta forma, a literatura científica indica que a família de origem pode interferir na escolha do cônjuge.

As atitudes e conseqüentemente os comportamentos adotados por cada indivíduo influenciam na entidade familiar como um todo. Compreendendo as configurações familiares, através de uma perspectiva sistêmica, entende-se que uma família é um sistema, que se divide em subsistemas conjugal, parental e fraternal (Andolfi, Menghi, Nicolo & Saccu, 2014; Galera, 2002; Melício et al., 2015; Sluzki, 2014).

A família é fruto de diversas configurações e organizações que foram ocorrendo na sociedade ao longo do tempo (Guizzo & Gomes, 2015; Narvaz & Koller, 2006; Santos, 2016). Através destas transformações, os seres humanos acabaram inventando e adaptando maneiras diversificadas de organização familiar. A família é indispensável para a

garantia da sobrevivência de desenvolvimento e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como se estrutura. É nela que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes (Ferrari & Kaloustian, 2002; Gonçalves, 2015).

A inserção de um indivíduo dentro de um grupo familiar representa uma das fases mais importantes de sua vida, pois será neste grupo que ocorrerá o seu desenvolvimento por meio da aprendizagem que se inicia na infância, através das experiências rotineiras vivenciadas pelo sujeito. Quando atingir a idade adulta, levará consigo as experiências e conseqüentemente o aprendizado obtido, e isso formará o seu desenvolvimento enquanto ser humano, bem como enquanto autor de uma nova conjugalidade (Razera, Cenci, & Falcke, 2014). Os cônjuges carregam as recordações de antigos relacionamentos e suas expectativas para os que virão futuramente, sendo de grande valia estudar o quanto relações passadas influenciam nas do presente e do futuro. Por isso, tem sido estudada por diferentes autores, a importância que a família de origem possui no desenvolvimento do sujeito e na forma que este irá se relacionar com o outro no decorrer de sua vida (Busby, Boden, Niehuis, Reifman & Fitzpatrick, 2015; Canavarró, 1999; Colossi, Marasca & Falcke, 2015; Scorsolini-Comin et al., 2015; Sutton & Simons, 2015).

A construção da conjugalidade é um fator importante na vida de um indivíduo, pois é através dela que existe a construção de um laço, através da identidade individual de cada um dos cônjuges, com ideias que cada um exporá, a qual se pode denominar de identidade conjugal. A conjugalidade é tema de diversos estudos com vistas à compreensão da dinâmica conjugal, e como a família é uma rede de influência mútua, os valores familiares constituídos por padrões comportamentais, crenças, princípios, ritos e costumes são passados de geração em geração (Féres-Carneiro, 2005; Zornig, 2010). São exemplos de transmissões familiares: aspectos referentes a escolha do cônjuge (Féres-Carneiro & Ziviani, 2010), qualidade conjugal (Falcke, 2003), separação conjugal (Quissini & Coelho, 2014), conflitos conjugais (Colossi, Marasca & Falcke, 2015) entre outros.

A escolha do parceiro íntimo está ligada a aspectos conscientes e inconscientes de ambos os cônjuges e que são oriundos das vivências e percepções realizadas no contexto familiar de origem (Féres-Carneiro, 2005/ 2010; Rosset, 2005; Zordan, 2008). Existem muitos desafios em um casamento que derivam das expectativas que cada um possui do relacionamento, as experiências, regras e

comportamentos oriundos da família de origem. Desta forma, é possível que existam repercussões no relacionamento, podendo ocorrer episódios de ciúme, infidelidade, agressões, sofrimento, muitas vezes, ocasionando o término da relação (Colossi, Marasca & Falcke, 2015; Turatti & Lucas, 2016).

A conjugalidade pode proporcionar tanto momentos bons e construtivos, quanto momentos de frustrações e grandes sofrimentos, porém considera-se importante tanto para o crescimento do indivíduo quanto para o desenvolvimento do casal em si. Sabe-se que, nem sempre, os cônjuges conseguirão dar conta desses conflitos e seguir adiante; desta forma, tem tornado cada vez mais comum, que muitos casais optarem pelo divórcio como uma forma para resolução de seus problemas conjugais (Gómez-Díaz, 2011). Nessas circunstâncias, geralmente, os cônjuges passam por momentos complexos e de sofrimento. Na maioria dos casos, esse processo passa a ser vivenciado por outras pessoas próximas, em especial os familiares (Féres-Carneiro, 2008).

Com relação à influência da família de origem acerca do divórcio, Diniz Neto e Féres-Carneiro (2005), assim como Groisman (2006), revelam que certo afastamento da família de origem dos cônjuges é fundamental para a evolução satisfatória e saudável de um casal. De acordo com os referidos autores, no momento em que um casal decide viver junto, independentemente da oficialização, terá de assumir novos papéis, vivendo como casal e não mais somente como filho.

De acordo com Rolim, Wendling, (2013) e Féres-Carneiro (1998) há casos que existem motivos notáveis para a decisão do término do casamento. Porém, em outros, há uma dificuldade de identificar os motivos, pois estão em níveis mais profundos. Dentre estes diversos fatores estão os psicossociais, nos quais se sobressai a influência da sociedade e da família de origem sobre as pessoas que passam pelo processo de separação.

O divórcio representa uma grande perda no ciclo familiar, abrangendo inúmeros aspectos da vida em família. Pesquisas indicam que pode levar de um a três anos para que a família possa manejar os aspectos afetados pelo divórcio (D' Avila, 2013). Diante disso, verifica-se que o divórcio afetará cada fase subsequente da vida de cada indivíduo, até que o sistema familiar se reorganize novamente, pois além de ser difícil de enfrentar, a relação com os pais/parentes do seu ex-marido, ou da sua ex-esposa também é uma situação delicada e muito complicada, na maioria das vezes (Rosa, 2012).

Rolim e Wendling (2015) relatam que, após a

separação, muitos pensam que o divórcio acaba com a vida em comum dos cônjuges, o que não ocorre necessariamente desta forma, uma vez que, após a existência de uma vida a dois, vem junto uma vida em família, na qual se cria laços de ambos os lados e quase sempre esses laços de amizade continuam após a separação, deixando de importar o tipo de relação que ainda possa existir entre o casal. Quissini e Coelho (2015) referem que as relações conjugais e familiares estão entrando num período distinto em comparação aos outros já vividos, mas o modelo de casamento tradicional ainda ocorre com a exceção de as escolhas serem feitas com maior liberdade e as separações conjugais, com mais facilidade.

Tomando-se por base os princípios e os valores transmitidos pelos pais a seus descendentes, e a internalização ou não a estes ensinamentos quando da constituição de uma nova família, principalmente no que tange à escolha de um cônjuge, bem como sobre a alternativa da separação, tornam-se relevante à investigação empírica e por esses motivos, adota-se como problema de pesquisa: Qual a influência da família de origem do homem na escolha do cônjuge e no processo de separação?

## MÉTODO

### DELINEAMENTO

Esta pesquisa de delineamento qualitativo e exploratório teve como base o Estudo de Casos Múltiplos (Yin, 2015). Os estudos de casos podem ser utilizados para investigações empíricas de um fenômeno em seu contexto de vida real e diferem-se do estudo de caso único que visa estudar casos inéditos, para seguir a lógica da replicação.

### PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa três homens da Região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, que permaneceram casados por mais de um ano (esse período foi considerado, pois, estima-se que a partir de um ano o casal já conseguiu estabelecer certo padrão de interação conjugal) e que estavam, no momento da aplicação da pesquisa, separados ou divorciados. Com ou sem filhos, sendo estes indicados por pessoas conhecidas, caracterizando-se assim, uma seleção de participantes por conveniência. Os participantes são do sexo masculino, pois considerou-se que poucas pesquisas são realizadas com este público.

### TABELA 1

## INSTRUMENTOS

Foi utilizada uma entrevista semiestruturada que teve por objetivo abordar as questões relacionadas à escolha do cônjuge, a conjugalidade, e o processo de separação, bem como compreender as percepções dos entrevistados acerca da influência da família de origem nesses processos.

## PROCEDIMENTOS PARA COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Foi realizado contato telefônico com os participantes, no qual foi apresentando o objetivo de pesquisa para o esclarecimento de possíveis dúvidas, verificou-se a adequação nos critérios para a participação e, na inexistência de impedimentos, foi marcado um encontro onde foi realizada a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em seguida foi realizada a entrevista, que foi gravada e transcrita.

A análise integrativa de cada caso foi realizada com vistas a compreender as influências da família de origem do homem na escolha do cônjuge e no processo de separação/divórcio. A partir da análise vertical de cada caso, foi realizada uma análise horizontal, buscando semelhanças e particularidades entre os casos, compondo a síntese de casos cruzados, conforme proposto por Yin (2015).

## PROCEDIMENTOS

### ÉTICOS

A pesquisa foi submetida ao comitê de ética da Universidade e obteve aprovação (parecer 1.472.844), seguindo a Resolução 466/2012, do Conselho Nacional da Saúde (CNS).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### CASO 1

Fernando, separado, com ensino superior completo, administrador de empresas, mora sozinho, tem dois filhos e permaneceu casado por dez anos. No momento da entrevista, estava separado há quatorze anos. No início do namoro, ambos tinham dezoito anos, e ele descreve a relação como: “*um namoro emocionante*”, se conheceram na escola. “*Foi tudo muito rápido*” relata Fernando, alegando que a família da namorada era muito tradicional e conservadora, o pai exercia pressão para que o casamento ocorresse logo. O participante referiu que ambos estavam muito

apegados na época, sendo que o pai dela não permitia que dormissem juntos, exigindo a oficialização da união. Moravam na mesma cidade, bairros próximos: “*Estávamos sempre juntos aos finais de semana*”, não eram colegas da mesma classe, mas estudavam no mesmo turno.

Por sua vez, a família do participante, em especial a mãe, não fazia questão que eles casassem, não incentivando de nenhuma forma. Fernando relata que sua mãe lhe disse que casou muito cedo e que não foi uma experiência boa, pois não pôde estudar, assim preferia que seu filho não casasse e sim fosse estudar. Conforme o entrevistado, o relacionamento conjugal de seus pais era bom, com poucos conflitos. Contudo, por serem muito fechados, não se expressavam afetivamente, segundo ele, era um casal tipicamente tradicional. Ele confessa que não tinha muita vontade de casar e morar junto com a namorada, pagar contas e ter responsabilidades, pensando ser muito cedo. O entrevistado refere que, após optarem pelo casamento, a família de sua ex-esposa passou a aceitá-lo, “*falaram que eu era um bom partido*”.

No geral, a avaliação do período de casado foi positiva: “*o casamento em si não era ruim, mas casei muito cedo, percebo hoje, que eu não fui um bom marido, era pouco responsável, gostava de sair fazer festa, não gostava da mesmice*”. Observa-se que a rotina o incomodava bastante, “*a rotina do casamento, a mulher bastante ciumenta, fazia eu me afastar dela e também porque gostava muito de ficar com meus amigos. Eu não podia sair porque ela não deixava, mas mesmo assim eu mentia, e saía, dizia que ia fazer um curso*”. Após dois anos casados, a esposa engravidou “*recebi essa notícia e achei muito cedo, sinto que não fui um bom pai*”.

O entrevistado aponta o ciúme de sua ex-esposa como principal inconveniente, refere sobre sua vontade de sair e ter relacionamentos extraconjugais. Também conta acerca de sua preocupação com o olhar da sociedade, no início tinha vergonha de estar casado sendo muito jovem, e após tinha vergonha de separar.

Sua ex-esposa iniciou um novo relacionamento quando eles ainda estavam casados, e ele refere ter ficado muito chateado. Desta forma, foi ela quem fez o pedido de divórcio. O entrevistado contou que sofreu um pouco “*Eu gostava um pouco dela, mas fiquei bem porque ia poder viver minha vida e fazer as coisas que tinha vontade de fazer, voltar a ser moleque*”. Ele conta que, já no fim do relacionamento, não dormiam mais juntos, ele saía sozinho e não dava satisfações, nesse período, em um relacionamento extraconjugal, teve outro filho.

## ENTENDIMENTO DINÂMICO DO CASO 1

É possível observar, através de sua fala, que a decisão de casar não foi tomada com maturidade e cuidado. Ao contrário, parece ter sido uma decisão impulsiva e tomada perante pressão familiar. Percebe-se que a família do entrevistado exerceu alguma influência na escolha do cônjuge, a mãe deste inclusive entendia que o casamento era uma atitude precipitada. Pode-se pensar nisso como uma influência transgeracional (atitudes, legados, tabus e expectativas), destacando que estas devem ser consideradas na compreensão do indivíduo (Carter & McGoldrick, 1995; Zanetti & Gomes, 2012). Desta forma, se percebe uma repetição de padrões transgeracionais na relação mãe-filho, pelo fato da mãe mostrar-se contrária ao casamento de seu filho, pensando ser muito cedo, visto que refere sua própria experiência de casar-se muito cedo como não sendo boa, pois não pôde estudar por conta disso. Assim, demonstra seu posicionamento contrário e sua influência ao referir para seu filho que preferia que ele estudasse ao invés de se casar.

Groisman (2006) refere que o casal, quando decide viver junto, passa a assumir novos papéis, agora de marido e esposa e não mais somente de filhos. O participante demonstra em sua fala, uma dificuldade no desenvolvimento deste processo, que parece que não foi adequadamente internalizado. Ao passo que refere sua vontade de não ter responsabilidades, sair com os amigos chegando a dizer que, separado, pôde voltar a “ser moleque”.

## CASO 2

Maurício, policial militar, reside com a filha de doze anos. Permaneceu casado durante 14 anos, (união estável) e oito anos de casamento religioso. Separados há um ano e dois meses, na data da coleta, o namoro começou na escola, “vi ela uma vez só na escola, conversamos, trocamos telefone e a partir daí, iniciou o relacionamento. Após seis meses o namoro ficou sério, e como eu morava com minha irmã e ela sozinha era mais fácil de nos vermos, eu tinha 17 e ela 18 anos”.

Sobre a tomada de decisão para morarem juntos, foi iniciativa dela, “ela pagava aluguel e eu morava com minha irmã então resolvemos morar todos juntos com minha irmã”. O participante refere que não deu certo, pois brigavam muito por que ela sentia muito ciúmes. O entrevistado contou que “Houve a separação que durou um ano e voltamos novamente, ficando mais

ou menos 12 anos até nos separarmos definitivamente. Nessa separação de um ano, ela engravidou e resolvemos voltar”.

Sobre o posicionamento da família, quando decidiram morar juntos, Maurício contou que não houve influência de nenhuma forma, sendo que já eram financeiramente independentes. A influência surgiu com o tempo, com seu pai insistindo que eles casassem no civil e na igreja. Desta forma, eles casaram, conforme o participante aponta a família de sua ex-esposa ficou feliz, pois era uma família evangélica.

“Quando estivemos casados nos primeiros seis meses foram os melhores da minha vida, após esse período houve muito ciúmes por parte dela, então resolvi sair de casa e desistir da relação, a deixei morando com minha irmã”. Após retomarem o relacionamento, com a chegada da filha, também teve um período de relativa tranquilidade, porém, segundo ele, o ciúme dela voltou e ele resolveu se separar e “fazer festas com os amigos”.

Quando questionado sobre sua percepção acerca do relacionamento de seus pais, o participante refere que: “O relacionamento de meus pais eu tive pouco contato, minha mãe faleceu cedo, eu tinha oito anos, o segundo casamento foi uma falência, pois a diferença de idade era muito grande, ela era muito nova e o terceiro casamento durou 22 anos até ele adoecer e a família da mulher pressionar bastante para ela se separar, até que um dia meu pai cansou e separou”. Maurício contou que o relacionamento da família da esposa era diferente, pois o pai dela fugiu com a mãe dela, mas viviam bem e eram extremamente religiosos.

Conforme a fala do entrevistado: “Sinto saudades das épocas boas do meu casamento, o chimarrão à tardinha, fui eu que coloquei meu casamento fora, tive outras relações extraconjugais, e isso fez com que o casamento acabasse de vez. O ciúme acontecia sem diálogo, pois como sou policial militar eu não tinha horário, e isso era inadmissível para ela, não tínhamos finais de semana. Ela brigava muito querendo saber onde eu estava”. Conta que sofreu com a separação, que inclusive fez acompanhamento psicológico e teve como motivação sua filha, que continuou morando com ele. Refere que a família não opinou no momento da separação.

## ENTENDIMENTO DINÂMICO DO CASO 2

Conforme aponta Anton (2012), é muito importante que se promova a criação de vínculos familiares e o fortalecimento destes, pois as factuais frustrações de cada indivíduo têm ligação íntima com a relação familiar. De fato, o bom vínculo existente entre

pai e filha, teve grande importância na recuperação da motivação do sujeito (participante) após o divórcio.

É possível identificar as diferenças de comportamento e compreensão perante a separação/divórcio em cada indivíduo, sendo que cada sujeito provém de uma configuração e cultura familiar distinto uns dos outros. É na vida familiar que se desenvolve o aprendizado emocional, desta forma, cada sujeito apresentará uma maneira de sentir e reagir diante das situações da vida, nossas frustrações, expectativas e medos (Carter & McGoldrick, 1995). Assim, o formato de reação diante da perda (divórcio), é diferente em cada um dos entrevistados.

### CASO 3

Pedro, vendedor, 32 anos de idade sem filhos, seu antigo relacionamento era uma união estável de cinco anos, estão separados há quatro anos. O namoro começou numa festa, ambos moravam no interior e não houve pedido de namoro para os pais. A tomada de decisão para morar juntos foi quando o entrevistado foi residir na cidade, arrumou emprego, a esposa também começou trabalhar na cidade e para ficar mais econômico resolveram morar juntos. Ele refere que a escolha, perante a família, foi tranquila, recebeu apoio total, tanto no início do namoro, e também, quando resolveram morar juntos, *“eu apenas comunicava o que iria fazer”*. A família dela também se posicionou da mesma forma.

Ao questionar o participante sobre a percepção que tinha sobre o casamento de seus pais, ele refere: *“o relacionamento dos meus pais sempre foi tranquilo, tinha discussão sim, mas sempre para encontrar alternativas pra resolver alguns problemas, teve uma época que eles começaram a dormir em quartos separados”*.

Sobre o relacionamento com a esposa e o ciúme, *“o que mais incomodava era o excesso de ciúmes que ela sentia por mim. Nesses momentos eu sentia muita raiva, pois não tinha nada haver eu não dava motivo para tanto ciúmes, tanto que aos quatro meses morando junto eu já estava totalmente estressado e não acreditando mais que essa relação iria durar, era um ciúme muito brutal, me sufocava”*.

Pedro conta que quase não saiam juntos, e quando saiam, acontecia cenas de ciúmes que chegaram a terminar em agressões (refere que fora agredido com tapa na cara). No processo de separação ele avalia que fora tranquilo, porque entende que, de certa forma, foi positivo para ambos. O relacionamento estava desgastado, sem limites em relação a cada um ter seu espaço, o respeito e a parceria. *“Teve alguns*

*momentos que foram bons apenas no começo antes de morarmos juntos, depois não me recordo de nada que tenha sido momentos construtivos para nosso relacionamento continuar”*. Ele conta que o ciúme piorou com o uso de redes sociais.

Quanto à separação, *“o posicionamento da minha família foi de ficar do meu lado”*, o participante refere que sua mãe achou melhor assim. Quanto à família da ex-esposa, ele conta que apenas foi até os pais dela e comunicou a decisão, sendo que eles aceitaram sem colocar-se em um posicionamento crítico em relação a isso.

### ENTENDIMENTO DINÂMICO DO CASO 3

Carter e McGoldrick (1995) trazem a questão das influências transgeracionais, sendo que a família representa uma íntima ligação acerca de quem somos e como nos posicionamos no mundo, levando adiante, para as futuras relações, legados, tabus e regras. Desta forma, percebe-se que, no presente caso, há uma repetição de alguns padrões de comportamentos, como por exemplo, a questão do ciúme e sentimento de posse, que o participante sente em relação a sua mãe e posteriormente relacionando-se com uma pessoa que apresentava este mesmo padrão.

Rebello (2012) aponta que fatores referentes a uma maior proximidade emocional, melhor comunicação e tentativas de resolução de conflitos estão ligados com uma menor ou maior satisfação conjugal. Desta forma, é possível perceber que, não havendo uma boa comunicação entre o casal, nem a tentativa de resolver seus conflitos de forma madura, a satisfação conjugal neste relacionamento decaía com o tempo, transformando as tentativas de comunicação e resolução de conflitos em episódios de agressividade e posterior esgotamento afetivo.

Percebe-se, através da fala do entrevistado, a falta de coesão entre o casal, resultando em uma comunicação falha e pobre. Desta forma, o casal não conseguia resolver de forma adequada e saudável suas conflitivas, sendo o sentimento de posse e ciúmes um empecilho no bom desenvolvimento da relação conjugal. Portanto, a desarmonia conjugal, que pode se referir a fatores emocionais, sexuais ou econômicos, promove índices elevados de conflitos na conjugalidade (Barreto, Maluschke, Almeida, & Desouza, 2009).

### ENTENDIMENTO GLOBAL DOS CASOS

A partir da discussão e entendimento desses três casos, foi possível verificar algumas semelhanças no padrão de relacionamento conjugal dos entrevistados,

não desconsiderando suas experiências individuais e subjetivas. Fica visível que, em nenhum dos casos, houve um planejamento prévio adequado para o casamento. Percebeu-se a ausência de maturidade das relações para a vida conjugal, resultando em decisões precipitadas e pouco planejadas no início do relacionamento. Alves-Silva, Scorsolini-Comin & Santos (2016) apontam que na contemporaneidade das relações conjugais, os trâmites relacionados ao casamento estão mais flexíveis. Com o advento da modernidade, ocorre a não obrigatoriedade (moral, social) do casamento civil e religioso, ocorrendo assim uma união estável. Divorciar-se, também, tornou um processo menos burocrático e demorado, assim, iniciar um relacionamento de caráter conjugal passa supostamente a não exigir tanta reflexão e planejamento.

Outra questão que chama a atenção nos três casos, é o ciúme que pode ser descrito como o medo de perda do parceiro para um rival (Gouveia, Silveira, Santos, Souza & Belo, 2015). Comumente o ciúme é confundido como demonstração de amor, mas é preciso cuidado, porque ao mesmo tempo é um dos principais motivadores para ocorrência da violência conjugal (Dias, Machado, Gonçalves & Manita 2012; Lacerda & Costa, 2014).

Perante o entendimento dinâmico dos casos, verificou-se um processo de repetição de padrões transgeracionais, visto que as famílias de origem também apresentavam dificuldades em seus relacionamentos conjugais. As experiências familiares que podem ser repetidas de geração em geração podem ser constituídas por padrões comportamentais, crenças, valores, costumes, rituais entre outros (Zornig, 2010). Neste estudo, houve casos de separações, conflitos e sentimentos de arrependimento pela decisão de casar-se. Interessante observar que a repetição poderia ser mais evidente ainda, sendo que talvez, tivessem ocorrido mais casos de separações nas famílias de origem se estas não fossem de outra geração, influenciados por uma mentalidade conservadora. Afinal, no Brasil, o modelo de formação da família e de casamentos que predominava até os anos 1970, era tradicional, baseados em interesses financeiros e sociais. Praticamente não havia namoro e o noivado era sucedido rapidamente pelo casamento (Alves-Silva, Scorsolini-Comin, & Santos, 2016). Neste sentido, pode-se pensar que tanto a transgeracionalidade, quanto o ciúme podem favorecer uma dinâmica conjugal disfuncional.

Desta forma, compreende-se que, em todos os casos, houve de alguma forma influência da família de origem, podendo ter ocorrido de forma direta, por meio de opiniões e conselhos acerca do relacionamento; ou

indireta, através de repetições transgeracionais. Conforme apontam Alves-Silva et al., (2016), quando um casal se une, traz para o relacionamento uma herança familiar que faz parte da constituição do vínculo conjugal, desta forma, cada cônjuge vive com o legado psíquico do outro, sofrendo influência do modelo de casal de seus familiares. Em alguns casos, a influência exercida pela família de origem tinha uma maior intensidade, em outros era menos intensa e mais sutil.

A maneira de enfrentar a dissolução de uma relação conjugal também apresentou padrões diferentes entre os entrevistados, sendo que uns aparentemente sofreram mais, outros menos. Castilho (2008) descreve a família como um sistema interdependente mutuamente influenciado, constituindo-se pela integração de seus membros, desta forma, as atitudes e os comportamentos de cada familiar reflete nos demais e assim, os membros da família podem auxiliar-se reciprocamente dentro deste sistema. Portanto, é inegável a importância do papel exercido pela família perante o enfrentamento desta situação, visto que a recuperação emocional após uma separação depende em uma parte considerável, pela intensidade de apoio familiar recebido, como no caso de Maurício, o qual referenciou a importância da filha em sua recuperação emocional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possibilitou compreender acerca da influência exercida pela família de origem na escolha do cônjuge e na conjugalidade como um todo nas relações afetivas dos membros de uma família. A família, sendo um sistema onde todos se influenciam mutuamente, conseqüentemente exerce papel importante nessas questões.

Foi possível perceber comportamentos de ciúme e repetições de padrões transgeracionais em todos os casos apresentados, em maior e menor intensidade. Apesar das mudanças referentes à ideologia, sexualidade e noção de casamento ocorridas na sociedade com o passar das gerações, verifica-se que os padrões de escolha, comportamento e atitudes intrínsecos em uma família podem permanecer e serem repassados aos descendentes, mesmo que (e muitas vezes) de forma inconsciente.

Sugere-se que mais estudos acerca desta temática possam ser desenvolvidos, destaca-se a importância da realização de pesquisas com homens, como foi realizado neste estudo, visto que, geralmente predominam as participações de mulheres. Pode-se, inclusive, pensar em pesquisas que envolvam diferentes delineamentos metodológicos e que incluam questões

referentes aos comportamentos de ciúme. Essas, poderão contribuir com o desenvolvimento da profissão e atuação do psicólogo que atende demandas semelhantes a esses casos.

## Referências

- Ackerman, J. M. (2012). The relevance of relationship satisfaction and continuation to the gender symmetry debate. *Journal of interpersonal violence, 27*(18), 3579-3600.
- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. D. (2016). Conjugalidade e casamentos de longa duração na literatura científica. *Contextos Clínicos, 9* (1), 32-50.
- Andolfi, M., Menghi, P., Nicolo, A. M., & Saccu, C. (2014). A interação nos sistemas rígidos: um modelo de intervenção na família com paciente esquizofrênico. *Psicologia, 2*(1), 29-46.
- Anton, I. C. (2012). *A escolha do conjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. 2ª ed. Porto Alegre: Artemed.
- Barreto, A. De C., Maluschke, J. S. N. F.B., Almeida, P. C. de, & Desouza, E. (2009). Desenvolvimento humano e violência de gênero: uma integração bioecológica. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 22*(1), 86-92.
- Busby, D. M., Boden, J., Niehuis, S., Reifman, A., & Fitzpatrick, J. (2015). Predicting Partner Enhancement in Marital Relationships The Family of Origin Attachment, and Social Network Approval. *Journal of Family Issues, 0192513X15618994*.
- Canavarro, M. C. S. (1999). *Relações afetivas e saúde mental: Uma abordagem ao longo do ciclo de vida*. Coimbra: Quarteto.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Castilho, V. B. F. (2008) História, fundamentos e novas tendências da terapia familiar sistêmica. *Revista Brasileira de Terapia Familiar, 1*(1), 79-83.
- Colossi, P. M., Marasca, A. R., & Falcke, D. (2015). De Geração em Geração: A Violência Conjugal e as Experiências na Família de Origem. *Psico, 46*(4), 493-502.
- Dantas, M. S., Angelim, R. C. M., Abrão, F. M. S., & Oliveira, D. C. (2016). Conjugalidade e representações sociais do HIV/AIDS pela equipe multiprofissional de saúde. *Revista Enfermagem UERJ, 23*(6), 734-740.
- D' Avila, V. R. A. (2013). *Divórcio e mediação familiar: uma visão Sistêmica/construcionista*. Trabalho apresentado ao Familiar e Instituto Sistêmico como requisito parcial para conclusão do Curso de Especialização em Terapia Relacional Sistêmica.
- Dias, A. R., Machado, C., Gonçalves, R. A., & Manita, C. (2012). Repertórios interpretativos sobre o amor e as relações de intimidade de mulheres vítimas de violência: Amar e ser amado violentamente?. *Análise Psicológica, 30*(1-2), 143-159.
- Falcke, D. (2003). *Águas passadas não movem moinhos? As experiências na família de origem como preditoras da qualidade do relacionamento conjugal*. Tese de Doutorado em Psicologia. Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Faco, V. M. G., & Melchiori, L. E. (2009). *Conceito de família: adolescentes de zonas rural e urbana*. São Paulo: Editora Unesp.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: reflexão e crítica, 11*(2), 379-394.
- Féres-Carneiro, T. (2005). *Família e casal: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio.
- Féres-Carneiro, T. e Diniz Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. *Paidéia, 20*(46), 269-278.
- Galera, L. (2002). Principais conceitos da abordagem sistêmica em cuidados de enfermagem ao indivíduo e sua família. *Revista Escola de Enfermagem. USP, p.36*.
- Gómez-Díaz, J. A. (2011). Fenomenologia del divorcio. *Psicologia & Sociedad, 23*(2), 391-397.
- Gonçalves, R.A. M. (2015). Percepções de bem-estar em crianças e famílias: um olhar intra e inter geracional

- (Dissertação de mestrado). Universidade de Coimbra, Portugal.
- Gouveia, V. V., Silveira, S. S., Santos, W. S., de Souza, S. S. B., & Belo, R. P. (2015). Escala de Ciúme Romântico (ECR): Evidências Psicométricas de uma Versão Reduzida. *Psicologia: ciência e profissão*, 35(2), 1-16.
- Grassi, M., & Vivet, J. (2014). Fathering and Conjuality in Transnational Patchwork Families: the Angola/Portugal case. *TL Network e-Working Papers*, 1-25.
- Guizzo, B. S., & Gomes, J. C. A. (2015). A mídia ensinando sobre novas configurações familiares: representações de homoparentalidade. *Comunicações*, 22(2), 137-148.
- Hameister, B. D. R., Barbosa, P. V., & Wagner, A. (2015). Conjugalidade e parentalidade: uma revisão sistemática do efeito spillover. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 67(2), 140-155.
- IBGE.(2013). Casamentos no Brasil crescem 1,1% em 2013; divórcios caem 4,9%. Retirado de: <http://www.valor.com.br/brasil/3809460/casamentos-no-brasil-crescem-11-em-2013-divorcios-caem-49>.
- Johnson, S. (2015). "We don't have this is mine and this is his": managing money and the character of conjuality in Kenya. *Journal of Development Studies*.
- Kaloustian, S. M. (2005). *Família Brasileira a base de tudo*. 7 ed. São Paulo: Editora Cortez.
- Lacerda, L., & Costa, N. (2014). Relação entre comportamentos emocionais ciumentos e violência contra a mulher. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 15(3), 21-36.
- Levy, L., & Gomes, I. C. (2015). Egg Donation and its Effects in Conjuality. *Le Divan familiar*, (1), 125-134.
- Melício, T., Bernardes, A. G., Monteiro, A. B., de Souza Pereira, A. C., da Silva Júnior, H. C., & Cassoni, J. G. (2015). Ampliando o foco das lentes: um olhar dos alunos de psicologia sobre as transformações nos arranjos familiares. *Revista Presença*, 1(1), 317-331.
- Minuchin, S., Nichols M. P. & Lee, W. Y. (2009). *Famílias e casais: do sintoma ao sistema*. Porto Alegre: Artmed.
- Narvaz, G. M., & Koller, H. S. (2006). Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Revista Psicologia e Sociedade*, 18(1).
- Nogueira, F. A. (2015). *Processo de adaptação nas famílias adotivas: a percepção parental sobre exigências e potencialidades* (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa, Portugal.
- Osório, L. C. (1996). *Família hoje: O que é a família, afinal?* Porto Alegre: Artes Médicas.
- Park, J. K. (2015). yellow men's burden: east asian imperialism, forensic medicine, and conjuality in colonial Korea. *Acta Koreana*, 18(1), 187.
- Quissini, C. & Coelho, L. R. M (2014). A influência das famílias de origem nas relações conjugais. *Pensando famílias*, 18(2), 34-47.
- Qureshi, K. (2016). *Marital Breakdown Among British Asians: Conjuality, Legal Pluralism and New Kinship*. Springer.
- Razera, J., Cenci, C. M. B., & Falcke, D. (2014). Violência doméstica e transgeracionalidade: um estudo de caso. *Revista de Psicologia da IMED*, 6 (1), 47-51
- Rebello, K. Do S. S. (2012). Qualidade da relação conjugal: avaliação dos casais residentes no Pará. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará.
- Rolim, K. I. & Wendling, M. I. (2013). A história de nós dois: reflexões acerca da formação e dissolução da conjugalidade. *Psicologia clinica*, 25(2), 165-180.
- Rosa, C. P. (2012). *Desatando Nós e Criando Laços*. Belo Horizonte: Del Rey
- Santos, A. D. M. P. (2016). A historicidade da linguagem nas novas configurações familiares: um olhar jurídico. *Estudos Linguísticos*, 45(1), 257-268.
- Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & Santos, M. A. D. (2015). Conjugalidade dos pais: percepções de indivíduos casados e solteiros. *Avaliação Psicológica*, 14(2), 223-231.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. dos. (2010). Satisfação com a vida e satisfação diádica: correlações entre construtos de bem-estar. *Psicologia USF*, 15(2), 249-256

Sluzki, C. E. (2014). Processo, estrutura e visão do mundo: para uma visão integrada de modelos sistêmicos na terapia familiar. *Psicologia*, 9(1), 11-18.

Sutton, T. E., & Simons, L. G. (2015). Sexual assault among college students: Family of origin hostility, attachment, and the hook-up culture as risk factors. *Journal of Child and Family Studies*, 24(10), 2827-2840.

Turatti, M. C., & Lucas, M. G. (2016). Compreendendo o ciúme na relação conjugal: um olhar sistêmico. *Unoesc & Ciência-ACBS*, 7(2), 145-152.

Yin, R.K. (2015). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman,

Zanetti, S. A. S, & Gomes, I. C. (2012). Efeitos da herança psíquica na opção pela não construção do vínculo amoroso. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 3(1), 57-74.

Ziviani, C., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2012). Pai e mãe na conjugalidade: aspectos conceituais e validação de construto. *Paidéia*, 22(52), 165-175.

Zordan, E. P., Dellatorre, R. & Wieczorek, L. (2012). A Entrevista na Terapia Familiar Sistêmica: Pressupostos Teóricos, Modelos E Técnicas De Intervenção. *Perspectiva. Erechim*, 36, 133-142.

Zornig, S. M. A. J. (2010). Transmissão psíquica: Uma via de mão dupla?. In T. Féres-Carneiro (Ed.), *Casal e família: Permanências e rupturas* (pp. 25-39). São Paulo: Casa do Psicólogo.

## Lista de Anexos

Tabela 1 - Informações sócio demográficas dos participantes

Tabela 1 - Informações sócio demográficas dos participantes

	Fernando*	Maurício*	Pedro*
Idade	47 anos	39 anos	32 anos
Profissão	Administrador	Policial	Vendedor
Escolaridade	Superior completo	Superior completo	Ensino médio completo
Tempo de namoro	3 meses	6 meses	2 meses
Tempo de casado	Casados oficialmente (10 anos)	Casados oficialmente (14 anos)	União estável (5 anos)
Tempo de separação	14 anos	1 anos e 2 meses	5 anos
Filhos	2	1	0

\*Nome fictício.

RECEBIDO EM: 07/03/2017

PRIMEIRA DECISÃO EDITORIAL: 20/06/2017

VERSÃO FINAL: 03/07/2017

APROVADO EM: 15/09/2017